

Práticas educativas voltadas para o desenvolvimento de ações inclusivas

Educational practices aimed at the development of inclusive actions

Ana Cristina Santos Duarte

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
tinaduarte2@gmail.com

Nayomara Souza Santos

Docente da Educação básica
nayomarass@hotmail.com

Josmar Barreto Duarte

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
josmaruesb@hotmail.com

Resumo

A temática da inclusão tem sido bastante discutida nos dias atuais, devido aos princípios da igualdade e da equidade. A pesquisa teve como objetivo analisar as ações inclusivas para permanência de estudantes com deficiência da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/Campus de Jequié. Foi desenvolvida em uma Universidade pública do Estado da Bahia, em um Curso de Ciências Biológicas. Participaram da pesquisa 05 discentes com deficiência, 05 docentes que já haviam lecionado para pessoas com deficiência, o Coordenador do curso e o representante do NAIPD (Núcleo de Acessibilidade e Inclusão de Pessoas com Deficiência). O instrumento para obtenção de dados foi uma entrevista semiestruturada. Os resultados apontam que as principais práticas educativas voltadas para a inclusão de discentes com deficiência na Universidade pesquisada são: disponibilidade de monitores; adaptação das avaliações; adaptação de materiais didáticos e construção de modelos. Apontam ainda, como fundamental, a existência e funcionamento do NAIPD.

Palavras-chave: práticas pedagógicas, ações inclusivas, ensino superior.

Abstract

The issue of inclusion has been much debated nowadays, due to the principles of equality and equity. This research aimed to analyze the inclusive actions for the permanence of students with disabilities of the State University of Southwest Bahia (UESB), Jequié Campus. It was developed in a public University of the State of Bahia, in a Course of Biological Sciences. A total of 5 students with disabilities, 5 teachers who had already taught for disabled people, the Coordinator of the course and the representative of the NAIPD (Center for Accessibility and Inclusion of People with Disabilities) participated in the survey. The instrument for obtaining

data was a semistructured interview. The results point out that the main educational practices aimed at the inclusion of students with disabilities in the explored university are: availability of monitors, adaptation of assessments, adaptation of didactic materials and construction of models. They also fundamentally point out the existence and functioning of the NAIPD.

Key words: pedagogical practices, inclusive actions, higher education.

Introdução

A temática da inclusão de estudantes com deficiência nas escolas comuns tem ganhado expressiva notoriedade nos dias atuais. Tal fato deve-se à produção de documentos oficiais internacionais e ao marco regulatório alcançado pelo Brasil após promulgação da Constituição Federal (CF/1988) e da Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/1996), o que significou um avanço importante na garantia dos direitos da pessoa com deficiência.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, em seu Art. 2º considera a pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015, s.p.).

Para tanto, ressaltamos que, em consonância com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), a Lei Brasileira de Inclusão (2015) estabelece um olhar atento não somente para o acesso do estudante à educação em todas as suas esferas, mas que a sua permanência, participação e aprendizagem sejam garantidas, mediante a eliminação de barreiras de quaisquer tipos.

Nesse sentido, a transversalidade da educação especial nas Instituições de Educação Superior deve se efetivar por meio de ações que garantam adaptações no planejamento e preparo de serviços (na acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos), visando a participação desses universitários em atividades que envolvam o ensino, a pesquisa e a extensão, subsidiando a sua permanência de forma plena (BRASIL, 2008).

A Estatística da Educação Superior (INEP, 2016) apontou um aumento significativo do número de matrículas de pessoas com deficiência na Educação Superior, no ano de 2015 o número de pessoas com deficiência, matriculadas no Ensino Superior no Brasil, incluindo cursos presenciais e à distância, alcançou a soma de 37.927 (trinta e sete mil novecentos e vinte e sete) graduandos.

Nessa mesma perspectiva a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) vem apresentando aumento do número de graduandos com deficiência. Segundo a Secretaria Setorial de Cursos (Jequié), até o semestre 2016.2 existiam 54 (cinquenta e quatro) estudantes com deficiência, matriculados em cursos diferentes. Desse total de estudantes com deficiências de diferentes tipos (visual, física, auditiva e intelectual), 07 (sete) encontravam-se matriculados nos cursos de Ciências Biológicas, sendo 04 (quatro) matriculados na licenciatura e 03 (três) no curso de bacharelado.

Assim, elegemos a seguinte pergunta norteadora: quais as ações inclusivas que tem sido desenvolvida no curso de Biologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, visando a

permanência de estudantes com deficiência?

Para responder a essa pergunta, traçamos o seguinte objetivo geral: analisar as ações inclusivas para permanência de estudantes com deficiência no curso de Biologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/Campus de Jequié.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa, desenvolvida em uma Universidade pública estadual do Sudoeste da Bahia, no curso de Ciências Biológicas. Participaram da pesquisa 05 discentes com deficiência, 05 professores do curso que já tinham ministrado aula para os alunos com deficiência e que se dispuseram a participar da pesquisa, o Coordenador do Colegiado de Biologia e o representante do NAIPD (Núcleo de Acessibilidade e Inclusão de Pessoas com Deficiência). Foi atribuído nomes fictício para os participantes. O instrumento de obtenção de dados foi uma entrevista semiestruturada, que objetivava identificar ações inclusivas e de permanência de alunos com deficiência no curso de Ciências Biológicas. A análise de dados ocorreu por meio da Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2011). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e seguiu os protocolos da Resolução 466/2012.

Estudante	Ingresso	Deficiência	Modalidade do Curso	Turno	Semestre
Maria	2011.1	DF (Paralisia Cerebral)	Licenciatura	Noturno	VIII
Rute	2012.1	DF (Artrite Reumatóide Juvenil Sistêmica)	Bacharelado - Genética	Diurno	VIII
José	2014.1	DF (Infecção na Medula)	Licenciatura	Noturno	IV
Lucas	2015.1	DF (Paralisia Cerebral)	Bacharelado - Ecologia de Águas Continentais	Diurno	IV
Tiago	2015.1	DA (Surdez completa)	Licenciatura	Noturno	IV

Tabela 01: Dados dos estudantes participantes da pesquisa.

Professor(a)	Faixa Etária	Ano de Conclusão do 3º grau	Curso de Pós-graduação de maior titulação	Tempo de serviço no Ensino Superior
Rebeca	40 a 49 anos	1996	Doutorado	16 anos e 11 meses
Sara	40 a 49 anos	1987	Doutorado	18 anos
Isabel	40 a 49 anos	1992	Especialização	04 anos
Pedro	55 anos ou mais	1989	Doutorado	17 anos
Marta	50 a 54 anos	1988	Doutorado	15 anos

Tabela 2 - Dados dos professores participantes da pesquisa

Resultados e discussão dos dados

Para alcançar os objetivos perguntamos aos participantes sobre a existência de práticas educativas voltadas para a efetivação de ações inclusivas na IES, a estudante Rute relatou:

Já tive monitoria. Só que nem sempre. Porque assim, na minha turma não tem ninguém com dificuldades. Então, a própria monitora perguntava quem tinha dificuldade. Ninguém tinha, só eu, eu era a única. [...] E, às vezes, até eu ficava com vergonha, a sala toda entendia, porque a sala toda estava presente nas aulas e só eu ficava tomando

tempo do monitor ali (Rute, estudante com Artrite Reumatóide Juvenil Sistêmica, 2017).

A depoente afirmou que encontrou algumas dificuldades em seu processo de inclusão, a exemplo do acesso à monitoria. Segundo o relato da mesma, a instituição oferecia orientação aos discentes por meio de monitores, contudo, Rute não costumava participar desse serviço, pois se sentia constrangida por fazer isso sozinha. Vê-se aqui uma demonstração de medo do preconceito e discriminação construído historicamente e certamente vivenciado pela discente na sua trajetória de vida. Entretanto, esse sentimento e atitude precisam ser superados e enfrentados, a fim de que tal situação não seja legitimada. Por outro lado, devemos compreender que tal superação também dependerá não só do apoio institucional, mas do apoio dos colegas e professores.

Infelizmente essas "diferenças" são autorizadas pela sociedade como um todo, e seus reflexos, ecoam também dentro da universidade. Nesse sentido, qualquer manifestação de diversidade é subjugada, sendo adjetivada como inferior, ou incapaz. Nas palavras de Carvalho (2007) “[...] o que se constata, lamentavelmente, é que, nem sempre, são oferecidas as condições necessárias para o desenvolvimento das potencialidades, o que seria a melhor forma de autorizarmos a diferença do nosso convívio cotidiano” (2007, p. 44). Assim, para os estudantes alcançarem sucesso na aprendizagem devem ser garantidas as condições necessárias para que as potencialidades desses sujeitos sejam desenvolvidas.

O relato de Tiago, estudante surdo matriculado no curso de Ciências Biológicas, vai de encontro ao que é proposto por Carvalho (2007):

A minha prova na maioria das vezes foi diferenciada; apenas as provas de Matemática, Ecologia e outras poucas matérias que ainda assim consegui passar, não foram... As disciplinas que não consegui passar foram iguais, porque não tinha como adaptar (Tiago, estudante com surdez profunda, 2017).

Constatamos que o próprio estudante é reprodutor da lógica de que existem padrões que precisam ser seguidos para que a avaliação da aprendizagem possa ser considerada válida. Contudo, vale ressaltar que o objetivo de se adaptar um instrumento de avaliação, ou qualquer outra estratégia pedagógica, é de que as oportunidades de aprendizagem possam ser equiparadas.

Moreira (2003, p. 89), afirma que: “Os alunos com necessidades educativas especiais na universidade também precisam de apoio e complementos educativos, isto é, de um conjunto de procedimentos que visam a igualdade de oportunidades”.

A igualdade de oportunidades apontada por Moreira (2003) não é compreendida em sua plenitude pela professora Isabel, pois afirma que as adaptações ficavam restritas à adequação de atividades avaliativas e que suas metodologias e estratégias de ensino seguiam a mesma "norma" que a utilizada com os demais estudantes:

A dificuldade maior deles era a questão das avaliações, quando eram escritas. Nesse momento eles me pediram para fazer uma prova diferenciada, e assim eu fiz. [...] Mas uma metodologia específica, não vou dizer que fiz, porque realmente não fiz. [...] Mas a gente também não tem preparo para isso. A gente tem que ir aprendendo com eles (Prof^a. Isabel, docente do curso de Ciências Biológicas, 2017).

A professora Isabel justifica seu posicionamento, deixando claro que não foi preparada pela universidade para realizar tais modificações na sua maneira de ministrar as aulas, nem mesmo no sentido de que determinadas práticas pedagógicas necessitam ser ajustadas para atender às necessidades e individualidades dos estudantes com deficiência.

Entretanto, alguns estudantes relataram a ocorrência de adaptações metodológicas e didáticas, realizadas por alguns professores, Maria relatou:

[...] ela sempre passava a monitoria para mim. E eu senti também assim que ela começou a fazer mais atividades e eu acho que foi para me ajudar também e ajudar a turma, entendeu? Ela começou a adaptar as atividades, não sei se o termo está certo, mas assim, ela começou a usar muita imagem que eu falei com ela, filme para entender melhor, filme do assunto (Maria, estudante com paralisia cerebral, 2017).

A participante da pesquisa relata algumas estratégias adotadas por uma professora, visando eliminar barreiras, de maneira que ela pudesse superar as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem da disciplina e contava com o auxílio de um monitor na disciplina, a fim de garantir a orientação e o atendimento dos estudantes que apresentavam dificuldade na aprendizagem.

O depoimento a seguir, demonstra a importância do cuidado por parte do professor de Lucas, que buscou ter uma atitude aberta para uma situação nova, mas que resultou em uma experiência exitosa:

Um professor me disse: Eu não sabia como lidar com você, depois eu fui aprendendo e foi bom. Esse professor falou que não tinha tido experiência nenhuma com aluno especial [...]. Então, quando eu entrei, ficou todo cheio de reserva. [...] Depois ele falou que durante as aulas ele foi percebendo que eu prestava atenção, que eu queria responder alguma coisa que ele perguntava (Lucas, estudante com paralisia cerebral, 2017).

Em seu depoimento, Lucas relatou a vivência com um professor, que mesmo se sentindo despreparado para lidar com um estudante com deficiência em sala de aula, buscou vencer seus medos e se aproximou do graduando.

Para Ferreira (2006), é evidente que a diversidade que compõe as instituições educacionais na atualidade não permite a postura de professores com uma "rigidez" em suas "ações docentes", sobretudo, em metodologias que atendam às necessidades e conveniência do próprio docente.

A docente Rebeca expressou também as adaptações metodológicas que costuma realizar quando recebe estudantes com deficiência em suas turmas:

Eu uso multimídia, eu uso vídeos, utilizo o projetor. Eu tento enriquecer da forma que eu posso, não só pensando nos alunos com necessidades especiais, mas nos alunos como um todo. [...] Eu acho que o aprendizado é nosso quando a gente recebe esses alunos, e o crescimento é deles [...] (Prof^a. Rebeca, docente do curso de Ciências Biológicas, 2017).

A professora Rebeca afirma que realiza adaptações metodológicas e didáticas em sua prática profissional, no intuito de garantir a qualidade na formação dos graduandos. No entanto, a mesma reforça que enquanto educadora, aprende muito também, visto que o fato de repensar e reestruturar a sua prática, lhe proporciona crescimento profissional e pessoal.

Para tanto, as individualidades e necessidades dos sujeitos envolvidos no processo educacional necessitam ser consideradas. De acordo com a professora Sara:

A partir de um trabalho individualizado, eu notei a necessidade de estar mais perto do aluno, [...] e procurar perceber se ele estava aprendendo, ver o retorno e a partir dessas necessidades tentar trabalhar em conjunto com um monitor ou a pessoa que está acompanhando, para poder sanar as dificuldades. [...] Também

adaptar questões, termos, materiais para atender à necessidade do aluno (Prof^a. Sara, docente do curso de Ciências Biológicas, 2017).

A educadora Sara afirma, em seu depoimento, que a partir de um trabalho individualizado com os estudantes com deficiência, percebeu a necessidade de buscar estar mais próximo, de acompanhar as dificuldades, as necessidades e os avanços desses graduandos. Para isso, a docente declara que se empenha em trabalhar em parceria com monitores, intérpretes e acompanhantes dos estudantes com deficiência, considerando que essa aproximação melhora a comunicação e favorece a adaptação de materiais didáticos, de termos utilizados na Biologia e de atividades e avaliações, visando o atendimento às individualidades e necessidades de cada estudante com deficiência.

Contrários a essa perspectiva, os relatos evidenciaram que alguns docentes são, por vezes, mais resistentes à ressignificação de suas práticas. Contudo, como aponta o relato da representante do Colegiado de Ciências Biológicas:

[...] às vezes, até tem um professor que tem uma posição meio refratária, ele resiste muito, mas quando começa a dialogar com o outro, ele percebe que não é assim, a coisa do preconceito mesmo, a ideia já está ali formada. A gente consegue nesse diálogo facilitar também a ação do professor, eu acho que é isso que é importante. Que ele fique mais tranquilo, que saiba que tem o apoio do Núcleo (Prof^a. Joana, docente e representante do Colegiado do curso de Ciências Biológicas, 2017).

A colaboradora da pesquisa afirma que, como representante do colegiado, às vezes se depara com atitudes de resistência por parte de alguns docentes. No entanto, com a realização de reuniões entre os professores do curso e a equipe técnica do NAIPD, em que são expostos relatos de docentes que já tiveram experiência com os estudantes com deficiência e são fornecidas informações e apoio dos técnicos do AEE, o preconceito cede lugar para abertura, para o desejo de experimentar o novo, o desconhecido.

Sobre esse aspecto, Moreira (2003, p. 92) ratifica:

[...] ainda há na universidade uma grande carência de reflexões e proposições sobre temáticas referentes ao fracasso escolar, às necessidades especiais e às inúmeras formas de exclusão social. Portanto, implementar espaços de ensino, pesquisa e extensão que se atenham a essas problemáticas é comprometer-se com a educação emancipatória.

Os cursos de formação deveriam se caracterizar como ações de desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional do docente, cujos conteúdos programáticos adotassem o repertório de conhecimentos e habilidades do docente como ponto de partida e reta de chegada. Qualquer professor com experiência em sala de aula - de longa ou curta duração - já possui este repertório e é somente com base nele que sua prática pode ser revisitada e aperfeiçoada (FERREIRA, 2006, p. 229).

Entendemos que a trajetória e formação dos professores repercute nas percepções e na prática docente, assim como a inclusão das pessoas com deficiência no ensino superior depende da formação profissional, do trabalho em equipe, das condições de trabalho e da reflexão e ressignificação da prática pedagógica.

Considerações finais

Os resultados da pesquisa apontam que na Universidade pesquisada estão sendo desenvolvidas ações inclusivas visando a permanência de estudantes com deficiência no

ensino superior.

Dentre as ações implementadas podemos destacar, a postura cuidadosa e colaborativa de alguns docentes, adaptação de material didático e atividades avaliativas, a existência das monitorias, a adaptação arquitetônica e a existência e qualidade do trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Ações Inclusivas para Pessoas com Deficiência (NAIPD) da referida instituição, além disso, ressaltamos a inquietação dos estudantes em busca da garantia de direitos.

Entretanto, reconhecemos que ainda há muito caminho pela frente e que o grande desafio é envolver todas as pessoas da comunidade no processo de inclusão, bem como a continuidade e aumento das ações inclusivas como, por exemplo, a adequação de laboratórios e outros espaços de uso comum, formação profissional para os professores do curso e ampliação e adaptação de metodologias e estratégias de ensino.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394 - **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996

BRASIL. **Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2008a.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC; SEEP; 2008b.

BRASIL. Lei nº 13.146 - **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. 2015.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Sinopse Estatística da Educação Superior 2015. Brasília: Inep, 2016.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"**. 5ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

FERREIRA, Júlio Romero. Educação especial, inclusão e política educacional: notas brasileiras. In: RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006 (85-113).

MOREIRA, Laura Ceretta. A Universidade e o Aluno com Necessidades Educativas Especiais: Reflexões e Proposições. In: RIBEIRO, Maria Luisa S; Baumel, Roseli Cecília R. de Carvalho (orgs.). **Educação Especial: Do querer ao fazer**. São Paulo: Avercamp, 2003 (81-93).